

# Ryūnosuke Akutagawa

PENGUIN



CLÁSSICOS

## Engrenagens em Movimento

N.º 8

«Não haverá  
alguém  
suficientemente  
bondoso que  
me estrangule  
durante  
o sono?»»

RYŪNOSUKE AKUTAGAWA

Nasceu em 1892, Tóquio, Japão

Morreu em 1927, Tóquio, Japão

*Engrenagens em Movimento*, um dos últimos contos escritos por Ryūnosuke Akutagawa, foi publicado postumamente, em 1927.

1.

*Gabardinas*

Ia a caminho de Tóquio, para ir ao copo-d'água de um conhecido. Com a pasta na mão, pedi ao taxista que se dirigisse a uma estação da linha de Tōkaidō, partindo de minha casa, numa estância costeira. Densos pinheirais alinhavam-se em ambos os lados da estrada. Não era provável que conseguíssemos apanhar o comboio para Tóquio. O outro passageiro do táxi era proprietário de uma barbearia. Era roliço como um *natsume* e tinha uma barba curta. Preocupado com as horas, ainda consegui responder às suas observações ocasionais.

— É estranho, as coisas que acontecem. Ouvi dizer que as pessoas têm avistado um fantasma na propriedade do Sr. X., inclusive durante o dia.

— Mesmo durante o dia?

A minha resposta era de indiferença. Olhei para ocidente, vendo o Sol abater-se sobre uma colina coberta de pinheiros.

— Mas não nos dias bons. Isso acontece principalmente quando chove.

— Talvez o fantasma apareça para se molhar.

— Isso é engraçado... mas ouvi dizer que ele usa uma gabardina.

Tocando a buzina, o táxi encostou ao lado da estação. Afastei-me do barbeiro e fui para dentro. O comboio para Tóquio tinha, de facto, partido há dois ou três minutos. Uma pessoa — um homem que envergava uma gabardina — estava sentada no banco da sala de espera, olhando, absorta, lá para fora. Lembrei-me da história do fantasma que tinha acabado de ouvir, mas concedi a esse pensamento um pequeno esgar. Decidi esperar pelo próximo comboio no café que ficava em frente à estação.

Na realidade, «café» era um nome demasiado pomposo para aquele sítio. Sentei-me a uma mesa num canto e pedi uma chávena de cacau. A mesa estava coberta por um oleado branco com um padrão quadriculado de riscas azuis, mas a sua cobertura escorregadia estava puída aqui e ali, revelando a lona encardida por baixo. Bebi um gole de cacau, que tinha um cheiro suspeito parecido

com cola, e olhei em redor da sala deserta. Nas paredes imundas, havia papelinhos que anunciavam os pratos disponíveis: *Oyako-donburi*, costeletas de porco, omeletas com ovos caseiros.

Estes bocados de papel pareciam tão típicos do campo nos arredores da linha Tōkaidō, onde as modernas locomotivas elétricas puxavam comboios por entre campos de cevada e de couves.

Era quase o pôr do Sol quando apanhei o comboio seguinte para Tóquio. Viajava sempre em segunda classe, mas, desta vez, decidi ir em terceira.

O comboio estava relativamente cheio. Encontrava-me rodeado por um grupo de raparigas da escola preparatória que regressavam da natação em Ōiso ou de um lugar assim. Observei-as enquanto acendia um cigarro. Todas pareciam estar felizes, e a maior parte delas tagarelava ininterruptamente.

– Sr. Operador de Câmara, o que é que *love scene* significa? É inglês, não é?

Sentado à minha frente, o «Sr. Operador de Câmara» em questão, que tinha, aparentemente, acompanhado o passeio escolar, fez o seu melhor para evitar responder diretamente, mas uma rapariga de cerca de catorze anos continuou a fazer-lhe perguntas em catadupa. De repente, ocorreu-me que a sua pronúncia nasalada se

poderia dever a uma infeção, e não consegui evitar um sorriso. Então, a rapariga que estava ao meu lado, que deveria ter doze ou treze anos, foi sentar-se ao colo da jovem professora, pondo-lhe o braço em redor do pescoço e afagando-lhe a face. Entre comentários dirigidos às amigas, ela dizia coisas como: «A senhora professora é tão bonita! Tem uns olhos tão lindos.»

Vistas em grupo, pareciam-me mais mulheres adultas do que jovens estudantes – se ignorássemos o facto de algumas delas desembrulharem caramelos ou roerem maçãs descascadas. Foi então que aquela que eu julgava ser a rapariga mais velha deve ter pisado o pé de alguém enquanto passava pelo meu assento. «Oh, perdoe-me!», disse ela. Estranhamente, a sua própria maturidade fazia-a parecer-se mais com uma estudante do que as restantes. Não consegui evitar escarnecer de mim mesmo, de cigarro nos lábios, pela minha própria impressão contraditória.

O comboio, onde a dado momento as luzes se tinham acendido, acabou por parar numa estação suburbana. Desci para a plataforma fria e ventosa, atravessei uma ponte pedonal e esperei pelo comboio de ligação. Naquele momento, encontrei por acaso T., que trabalhava para uma grande empresa. Enquanto esperávamos, falámos de coisas como a economia vacilante. Ele, claro, sabia muito

mais sobre estas questões do que eu, mas um dos seus possantes dedos trazia um anel de turquesa que não tinha nada que ver com tempos económicos difíceis.

– Esse anel é notável – disse eu.

– Este? Oh, um amigo meu obrigou-me a comprá-lo quando foi a Harbin, em negócios. Também ele está a passar por dificuldades. Já não consegue lidar com as cooperativas.

O comboio que tínhamos apanhado não estava, felizmente, tão cheio quanto o primeiro. T. e eu sentámo-nos lado a lado e continuámos a conversar. Ele tinha acabado de regressar a Tóquio, vindo de um serviço em Paris na primavera passada, e, por isso, a cidade tendeu a dominar a nossa conversa. Falámos de Madame Caillaux, que alvejara a tiro o proprietário do jornal *Le Figaro*, de como cozinhar caranguejos, de um príncipe imperial que ia viajar para o estrangeiro...

– A França, surpreendentemente, está a ter poucos problemas com a economia. Porém, os Franceses odeiam mesmo ter de pagar impostos e, por isso, os governos estão sempre a cair.

– Mas o franco caiu a pique.

– Isso é se acreditares naquilo que lês nos jornais. Lá, os jornais dizem-nos que o Japão não tem mais nada senão terremotos e cheias.

Nesse momento, um homem envergando uma gabardina sentou-se à nossa frente. Isto causou-me uma sensação horripilante, e quis contar a T. a história de fantasmas que tinha ouvido, mas, antes que pudesse fazê-lo, ele inclinou o punho da sua bengala para a esquerda e, continuando a olhar em frente, disse-me baixinho:

– Vês aquela mulher, ali? Aquela com o xaile de lã cinzento?

– Com o penteado ocidental?

– Hã-hã, e com a trouxa de pano. Esteve em Karuizawa este verão. Usava sempre roupa ocidental chique.

Contudo, ela teria parecido certamente muito maltrapilha a quem quer que a visse naquele momento. Olhei-a furtivamente algumas vezes enquanto falava com T. Havia algo que sugeria insanidade no meio das suas sobrançelas. E da trouxa de pano que trazia, assomava uma esponja do mar com manchas parecidas com as de um leopardo.

– Ouvi dizer que ela estava sempre a dançar com um jovem americano qualquer em Karuizawa. É uma daquelas mulheres que se podem chamar *modernas*.

Quando me despedi de T., apercebi-me de que o homem da gabardina tinha desaparecido. Com a pasta na mão, caminhei da estação até a um hotel. Edifícios altos delineavam ambos os lados da rua. Enquanto caminhava,

pensei nos pinheirais dessa manhã. Também me apercebi de que algo estranho tinha entrado no meu campo visual – um conjunto de engrenagens translúcidas em movimento. Já tinha tido esta experiência várias vezes, e era sempre o mesmo: o número de engrenagens aumentava gradualmente até metade do meu campo visual ficar bloqueado. Isto durava apenas alguns momentos; depois as engrenagens desapareciam e eram substituídas por uma dor de cabeça. O meu oftalmologista tinha-me ordenado muitas vezes que cortasse no tabaco para me desembaraçar desta ilusão de ótica (se é que era disso que se tratava), mas, na realidade, eu começara a ver as engrenagens antes de fazer vinte anos, muito antes de ter começado a fumar. «Lá vêm elas outra vez», disse para mim mesmo e tapei o olho direito para testar a vista do olho esquerdo. Este último estava ótimo, mas atrás da pálpebra do primeiro havia várias engrenagens em movimento. Apressei-me rua abaixo, enquanto os edifícios do lado direito iam desaparecendo gradualmente.

Quando entrei no hotel, as engrenagens tinham desaparecido, mas a dor de cabeça continuava lá. Enquanto entregava o sobretudo e o chapéu na receção, decidi reservar um quarto; depois telefonei ao editor de uma revista para falar de dinheiro.

O banquete de casamento tinha aparentemente começado há muito tempo. Encontrei uma cadeira no canto mais distante da mesa e comecei a mover o garfo e a faca. Havia mais de cinquenta pessoas sentadas na mesa em forma de U e todas elas, desde os noivos, ao centro, às que ocupavam as extremidades, estavam naturalmente muito bem-dispostas. Eu, contudo, fiquei cada vez mais deprimido sob as luzes brilhantes. Para fugir a esta sensação, tentei conversar com o meu vizinho, um velho cavalheiro com uma barba branca como uma juba de leão. Era um famoso erudito da língua chinesa cujo nome eu conhecia. A nossa conversa rapidamente se voltou para os clássicos.

— O *kirin* é, afinal, uma espécie de unicórnio — comentei. — E a *hōō* corresponde à Fénix ocidental.

Ele pareceu interessado nas minhas observações, mas, quanto mais eu prosseguia o processo mecânico de manter uma conversa, mais comecei a sentir a chegada de um desejo doentio e destrutivo. Declarei que os lendários imperadores sábios Yao e Shun eram «obviamente» criações fictícias e que o autor dos *Anais da Primavera e do Outono* era, na realidade, uma pessoa que viveu durante o período Han, muito posterior. Ao ouvir isto, o erudito de chinês demonstrou abertamente o seu desagrado. Voltou-se e, com um rosnado digno de um tigre, interrompeu-me a meio da frase.

— Se começar a dizer que Yao e Shun nunca existiram, está a fazer de Confúcio um mentiroso, e esse sábio nunca diria uma mentira.

Calei-me então, é claro, e comecei a cortar a carne do meu prato. Reparei que um pequeno verme se contorcia silenciosamente na orla da carne. O verme evocou-me a palavra inglesa *worm*. Esta era provavelmente outra palavra como *kirin* ou *hōō*, que designava uma criatura lendária. Pousei o garfo e a faca, e observei o copo de champanhe a ser enchido.

Quando, por fim, o banquete acabou, percorri um corredor deserto e fechei-me no quarto que tinha reservado. Achei que o corredor se parecia mais com o corredor de uma prisão do que de um hotel, mas, felizmente, a minha dor de cabeça diminuía.

Tinham trazido a minha pasta para o quarto, bem como o meu chapéu e o meu casaco. Pendurado na parede, o casaco parecia-me a minha própria figura, em pé. Atirei-o apressadamente para um armário, num canto. Depois fui até ao espelho e olhei para a minha imagem refletida. A minha cara no espelho revelava os ossos debaixo da pele. Uma imagem vívida do verme saltou para a memória contida neste meu crânio.

Abri a porta, saí e vagueei pelo corredor. Num canto onde o corredor se unia ao átrio estava um candeeiro alto, com o seu tom verde brilhante refletido numa porta de

vidro. Aquela visão trouxe-me uma sensação de paz. Sentei-me numa cadeira próxima e meditei sobre muitas coisas, mas não fui capaz de permanecer ali sentado cinco minutos sequer: estava ali outra gabardina, ao meu lado, pendurada nas costas de um sofá para onde alguém a tinha atirado.

*E este é considerado o período mais frio do ano!*

Pensando nisto, voltei a percorrer o corredor. No lugar do pacote, a um canto do corredor, não havia nem um pacote à vista, apesar de eu ouvir as suas vozes. Respondendo a um comentário, um deles disse, em inglês: «*All right*». Está bem? Esforcei-me por captar o significado desta troca de palavras. *All right? All right?* O que é que era possível estar bem?

O meu quarto, é claro, estava em silêncio, mas a ideia de franquear a porta pareceu-me inquietante. Depois de um momento de hesitação, enchi-me de forças e entrei. Sentei-me à secretária, tendo o cuidado de não olhar para o espelho. O assento era uma cadeira de braços feita de um couro marroquino verde como a pele de um lagarto. Abri a pasta, tirei dali uma resma de papel manuscrito e tentei trabalhar numa história que estivera a escrever. Mas, mesmo depois de a ter mergulhado na tinta, a minha caneta não se mexia. Quando, por fim, o fez, continuou apenas a escrever as mesmas palavras, vezes sem conta: «*All right... All right... All right, Sir... All right...*»

De repente, ao lado da cama, o telefone tocou. Assustado, levantei-me e encostei o auscultador ao ouvido.

– Quem fala? – perguntei.

– Sou eu. *Eu...* – Era a filha da minha irmã mais velha.

– O que é que se passa? Há algum problema?

– Sim, algo terrível – disse. – Por isso, eu... É tão terrível, telefonei para sua casa, e a tiazinha disse-me para...

– É assim tão terrível?

– Sim, é mesmo terrível; por favor, venha imediatamente. Imediatamente!

Ela terminou a chamada. Pousei o auscultador e premi o botão para chamar um pacote. A minha mão mexeu-se de um modo reflexo, mas eu estava completamente ciente de que ela tremia. Ninguém respondeu à campainha. Mais devido à angústia do que ao aborrecimento, premi o botão várias vezes, compreendendo, finalmente, o que o Destino estava a tentar dizer-me com as palavras *all right*.

Nessa tarde, num subúrbio próximo de Tóquio, o marido da minha irmã morrera debaixo de um comboio. Apesar da estação do ano, ele envergava uma gabardina.

Estou agora no mesmo quarto de hotel, a escrever a mesma história. Ninguém percorre o corredor a meio da noite, mas, por vezes, ouço o som de asas do outro lado da porta. Talvez alguém tenha pássaros perto daqui.

## 2.

### *Vingança*

Acordei hoje no quarto de hotel às oito horas da manhã, mas, estranhamente, quando tentei sair da cama, só encontrei uma pantufa no chão. Este era um fenómeno que me vinha a causar medo e, ao mesmo tempo, ansiedade durante o último ano ou mais — um fenómeno que também me lembrava o príncipe do mito grego que usava apenas uma sandália. Toquei a campainha para chamar um paquete e fi-lo procurar a outra pantufa. Ele explorou o pequeno quarto com uma expressão perplexa.

— Aqui está ela — disse. — Na casa de banho.

— Como é que isso foi parar aí?

— Pergunto-me o mesmo. Um rato, talvez?

Quando saiu, bebi uma chávena de café sem leite e preparei-me para acabar a minha história. Emoldurada em pedra vulcânica, a janela quadrada do quarto dava

para um jardim nevado. Sempre que pousava a caneta, deixava os meus olhos vaguearem sobre a neve. Espalhada debaixo de um trovisco em flor, a neve estava suja do ar fumarento da cidade; a vista magoava-me o coração. Sem que me apercebesse, a caneta parara de se mexer, e eu dava passas no cigarro, pensando em todo o género de coisas — na minha mulher, nos meus filhos e, especialmente, no marido da minha irmã.

Antes de se matar, o marido da minha irmã tinha estado sob suspeita de fogo posto. E um detalhe nada surpreendente: tinha feito um seguro da casa pelo dobro do seu valor antes de esta se incendiar. Também tinha cumprido uma pena suspensa por perjúrio. Contudo, aquilo que me perturbava ainda mais do que o suicídio, era o facto de, nas minhas visitas a Tóquio, eu ver invariavelmente algo a arder. Uma vez, foi um camponês a queimar o seu campo na encosta de uma colina que eu vi do comboio; noutra ocasião, foi o incêndio no bairro Tokiwabashi que eu vi do táxi (nessa altura, a minha mulher e o meu filho estavam comigo). Por isso, tive uma forte premonição do fogo bem antes de a sua casa ter sido consumida pelas chamas.

— A nossa casa pode incendiar-se este ano — disse eu à minha mulher.

— Oh, por favor, não digas essas coisas — protestou ela.

– Dão azar... Mesmo assim, se alguma vez tivéssemos um incêndio, seria horrível. O nosso seguro é tão pequeno.

Até agora a minha casa fora poupada, mas... obriguei-me a parar de sonhar acordado e tentei voltar a pôr a caneta em movimento, mas não consegui escrever sequer uma linha. Acabei por sair da secretária e estendi-me na cama para ler *Polikushka*, de Tolstoi. O protagonista da história era um complicado amontoado de vaidade, patologia e desejo luxurioso de fama. Algumas pequenas revisões da tragicomédia da sua vida, porém, e poderíamos acabar com uma caricatura da minha própria vida. Sentir o riso escarninho do Destino na peculiar tragicomédia da personagem causou-me uma sensação cada vez mais estranha. Ainda não tinha passado uma hora quando saltei para fora da cama e, com todas as minhas forças, lancei o livro contra as cortinas do canto do quarto. «Morre, maldito!»

Nesse mesmo instante, um grande rato correu apressado, surgindo por debaixo das cortinas e cortando diagonalmente pelo chão até à casa de banho. Saltei na direção da porta dessa divisão e abri-a completamente à procura do rato, mas não havia qualquer sinal dele, nem mesmo atrás da banheira branca. Repentinamente esmagado por aquela sensação horripilante, troquei apressadamente as pantufas pelos sapatos e atravessei o corredor deserto.

Hoje, mais uma vez, o corredor era deprimente como uma prisão. Inclinando a cabeça, subi e desci uma escadaria atrás da outra até me encontrar na cozinha do hotel. A claridade daquele lugar apanhou-me de surpresa. Vários dos caldeirões de arroz alinhados em frente a uma parede assentavam sobre chamas que se moviam. Ao passar pela cozinha senti os olhares trocistas dos cozinheiros, com os seus barretes brancos, e apercebi-me do inferno em que tinha caído. Não consegui suprimir a oração que se escapou dos meus lábios: «Oh, Senhor, imploro-vos que me castigueis. Suspendei a vossa ira contra mim, pois posso morrer em breve.»

Deixei o hotel e apressei-me a ir para casa da minha irmã, por ruas que refletiam o céu azul em poças de neve derretida. Todos os ramos e folhas das árvores do parque ao longo da rua tinham um aspeto enegrecido, e cada árvore tinha um lado da frente e um lado de trás, tal como nós, seres humanos, temos. Também isto me causou uma sensação mais próxima do medo do que do aborrecimento. Lembrei-me das almas no Inferno de Dante, que tinham sido transformadas em árvores e decidi, ao invés, caminhar no outro lado da rua, para lá da linha do elétrico, onde apenas os edifícios delimitavam a rua.

Mesmo ali, contudo, não consegui percorrer um quarteirão inteiro sem interferência.

— Sei que é muito mal-educado da minha parte abordá-lo na rua deste modo, mas...

Era um homem novo, com vinte e poucos anos, que envergava um uniforme com botões dourados. Fixei-o em silêncio e notei-lhe um sinal no lado esquerdo do nariz. Ele tinha tirado o chapéu e falava de um modo nervoso.

— O senhor é o Sr. A., não é?

— Sou.

— Foi o que eu pensei.

— Há alguma coisa que eu possa fazer por si?

— Oh, não; eu só queria conhecê-lo, *Sensei*. Sou um devoto leitor das suas obras e...

Mas recomecei a andar antes mesmo que ele acabasse; fiz-lhe um pequeno cumprimento com o chapéu e deixei-o para trás. *Sensei, A-Sensei*: estes títulos de reverência eram a pior coisa que alguém podia usar comigo naqueles tempos. Eu julgava ter cometido todos os pecados conhecidos pelo homem, mas eles continuavam a chamar-me *Sensei* sempre que tinham uma oportunidade, como se eu fosse uma espécie de guru. Não consegui deixar de sentir nisto a presença de alguma coisa que zombava de mim. «A presença de alguma coisa»? Mas o meu materialismo só podia rejeitar um tal misticismo. Uns meses antes apenas, tinha escrito numa pequena revista dos círculos

literários: «Não tenho consciência absolutamente nenhuma, muito menos uma consciência artística. Tudo o que tenho são nervos.»

\*

A minha irmã refugiara-se com três dos filhos num barracão clandestino. Coberto com um papel castanho, o sítio era quase mais frio no interior do que no exterior. Aquecemos as mãos num *hibachi* enquanto falávamos. O marido entroncado da minha irmã tinha-me sempre desprezado instintivamente por ser mais magro do que a maior parte das pessoas. Também criticava publicamente o meu trabalho, considerando-o imoral. Rejeitei sempre as suas opiniões com frieza e nunca tive sequer uma conversa honesta com ele. No entanto, falando sobre ele com a minha irmã, comecei gradualmente a aperceber-me de que, tal como eu, ele tinha caído no seu próprio inferno. Ela tentou contar-me uma história de como, certa vez, ele tinha realmente visto um fantasma numa carruagem-cama de um comboio, mas eu acendi um cigarro e procurei manter a conversa centrada no dinheiro.

- Não há muito que eu possa fazer na minha situação
- disse ela. – Acho que vou simplesmente vender tudo.
- Provavelmente é o que terás de fazer – respondi.

– Deves conseguir algum dinheiro pela máquina de escrever.

– E há alguns quadros, como sabes.

– Agora que me lembraste: tu vais vender o retrato do N. (o seu marido)? Mas talvez não. Não é exatamente...

Olhei para o retrato a lápis de cera por emoldurar na parede do barracão e percebi que não era o momento para petulâncias. O homem tinha-se atirado para debaixo de um comboio, o que tinha, aparentemente, transformado a sua cara numa massa de carne, apenas com o bigode intacto. Como se isto não fosse por si só suficientemente enervante, o seu retrato tinha sido impecavelmente feito, exceto na zona do bigode, que parecia estranhamente indistinta. Perguntei-me se não seria por causa da direção da luz e olhei para o retrato de vários ângulos diferentes.

– O que é que estás a fazer?

– Nada... É só que a área em redor da boca...

A minha irmã voltou a lançar uma olhadela ao retrato.

– Sim, é estranha, não é, a forma como o bigode parece tão pálido?

Disse isto sem que parecesse notar a ligação que eu fazia. Aquilo que eu tinha visto não era nenhuma ilusão de ótica. E se fosse esse o caso...

Decidi ir-me embora antes que a minha irmã sentisse necessidade de me cozinhar o almoço.

- Não precisas de fugir já – disse ela.
- Volto amanhã, talvez. Tenho de ir hoje a Aoyama.
- Queres dizer... *àquele* sítio? Tu estás bem?
- Ainda estou a tomar toneladas de medicamentos, é claro. Os comprimidos para dormir já são maus que cheguem: *Veronal, Neuronal, Trional, Numal...*

Trinta minutos depois, entrei num prédio e subi de elevador até ao terceiro andar. Tentei abrir a porta de vidro de um restaurante empurrando-a, mas esta não se mexia. Uma placa laqueada ali pendurada dizia: «Encerrado». Cada vez mais aborrecido, olhei para uma pilha de fruta – maçãs, bananas – numa mesa do outro lado da porta e, em seguida, decidi regressar à rua. À saída, rocei num de dois homens de negócios envolvidos numa animada conversa enquanto entravam no edifício: «... mesmo um suplício», disse um deles no momento do contacto.

Fiquei lá fora, à espera de um táxi, mas não passavam muitos por ali. Os únicos que passaram mesmo foram, sem exceção, táxis amarelos. (Por qualquer razão, os táxis amarelos que eu apanhava estavam sempre a ter acidentes.) Passado muito tempo, achei um verde, que dava sorte, e decidi apanhá-lo até ao hospital psiquiátrico, perto do cemitério, em Aoyama.

«Mesmo um suplício... Tântalo... Inferno...»

Eu próprio tinha sido Tântalo quando olhara para a fruta através da porta de vidro. Fitei a nuca do taxista, amaldiçoando as duas ocasiões em que o Inferno de Dante tinha aparecido perante os meus olhos. Comecei a sentir que tudo era uma mentira absoluta. A política, os negócios, a arte, a ciência: tudo parecia uma camada salpicada de esmalte que cobria esta vida em todo o seu horror. Sentia-me cada vez mais como se estivesse a sufocar. Abri a janela do táxi o mais possível, mas o aperto no meu coração não desaparecia.

Por fim, o táxi verde chegou ao cruzamento principal de Jingūmae. Deveríamos ter podido virar para uma rua lateral, mas hoje, por qualquer razão, não consegui descobri-la. Fiz o táxi andar para a frente e para trás, ao longo da linha do elétrico, até que, por fim, desisti e saí.

Consegui finalmente encontrar a rua certa, mas, depois de evitar os troços enlameados durante algum tempo, perdi-me e acabei no Salão Funerário de Aoyama. Nunca tinha atravessado sequer o portão da frente deste edifício nos dez longos anos que distavam do serviço fúnebre que fora ali celebrado pelo *Sensei* Natsume Sōseki. Também não tinha sido feliz naquele tempo, mas, pelo menos, estava em paz. Espreitando para o pátio de gravilha e lembrando-me das delicadas plantas *bashō* no

refúgio Sōseki, não pude deixar de pensar que uma fase da minha vida tinha acabado. Mas também senti a presença da força que me atraía a este local funerário dez anos depois.

Depois de emergir do portão do hospital psiquiátrico, apanhei um táxi e voltei para o hotel. No entanto, quando saí do veículo, à entrada do hotel, um homem de gabardina vestida discutia com um pacote. Com um pacote? Não, não era um pacote, mas um expedidor de táxis num uniforme verde. Entrar agora no hotel acabava por me parecer uma perspectiva de mau agouro. Dei meia-volta e tornei a descer a rua que tinha acabado de subir.

O Sol começava a pôr-se quando cheguei a Ginza. As lojas que se alinhavam nos dois lados da rua e o estonteante fluxo de pessoas só me deprimiram ainda mais. Fiquei especialmente incomodado com o modo como as pessoas passeavam descontraidamente, como se nunca tivessem conhecido a existência do pecado. Continuei a caminhar para norte, por entre a mescla da claridade do dia que se apagava e a luz dos candeeiros elétricos. Aquilo que rapidamente captou a minha atenção foi uma livraria com grandes pilhas de revistas e publicações afins. Entrei e deixei os meus olhos vaguearem até cima, por sobre várias prateleiras de livros. Escolhi um volume de mitos gregos para folhear. O livro, com uma capa amarela,

era aparentemente destinado às crianças. Contudo, fui praticamente atirado ao chão pela frase que, por acaso, li:

«Até o maior dos deuses, o próprio Zeus, nada podia contra aquelas deusas da vingança, as Fúrias.»

Saí da livraria e mergulhei na multidão. Enquanto caminhava, senti o olhar implacável das Fúrias nas minhas costas curvadas (quando é que isso começou a acontecer?).

### 3.

#### *Noite*

Encontrei um exemplar das *Lendas*, de Strindberg, no segundo piso da Livraria Maruzen e folhee, distraído, algumas páginas de cada vez. O livro descrevia uma experiência que não era muito diferente da minha. E não só: tinha uma capa amarela. Voltei a pôr as *Lendas* na prateleira e tirei outro volume grosso quase aleatoriamente, mas também este tinha algo para mim: uma das ilustrações mostrava filas de engrenagens com olhos e narizes humanos. (O livro era uma compilação de imagens desenhadas por doentes mentais, de um editor alemão.) No meio da minha depressão, senti um espírito de desafio a crescer e comecei a abrir um livro a seguir a outro com o desespero de um jogador compulsivo. Contudo, cada um deles escondia uma espécie de agulha para me espetar, quer no texto quer numa ilustração. Cada um deles?

Peguei em *Madame Bovary*, que tinha lido muitas vezes, apenas para sentir que eu era o burguês Monsieur Bovary.

A noite estava a chegar, e aparentemente eu era o único cliente da secção de livros ocidentais do segundo piso da Maruzen. Vagueei por entre as prateleiras iluminadas por luzes elétricas, parando em frente de uma com a etiqueta «Religião». Ali, dei uma olhadela a um volume de capa verde. No índice constava um capítulo sobre «Os Quatro Inimigos Aterrorizadores — Dúvida, Medo, Arrogância, Desejo Sensual». Quando vi isto, senti-me ainda mais desafiador: os chamados «inimigos» eram simplesmente, pelo menos na minha cabeça, nomes diferentes para sensibilidade e intelecto. No entanto, achei cada vez mais intolerável que o espírito tradicional estivesse a tornar-me tão infeliz como o espírito moderno agora o fazia. O livro que eu tinha na mão trouxe-me à cabeça um pseudónimo literário que eu usara há muito tempo: Juryō Yoshi — O Jovem de Shou Ling. Este nome provinha da história chinesa de Han Fei, sobre o jovem que deixou a localidade rural de Shou Ling para estudar o estilo elegante com que caminhavam as pessoas da cidade de Handan, mas que acabou por voltar para casa a rastejar porque se esquecera de como se caminhava à maneira de Shou Ling antes de dominar o estilo de Handan. Quem quer que me visse agora considerar-me-ia um perfeito «Jovem de

Shou Ling». Pensar que eu tinha usado este pseudónimo muito antes de ter caído no meu inferno atual! Virei as costas a esta grande estante e, numa tentativa de afastar os meus sonhos diurnos, passei para a sala de exibição de cartazes, mesmo em frente. Contudo, não foi melhor. A primeira coisa que ali vi foi um cartaz da figura de São Jorge a espetar a sua espada num dragão alado — sendo a legenda escrita com o mesmo ideograma para dragão que eu uso no meu nome. Para piorar as coisas, o rosto contraído parcialmente revelado sob o elmo do cavaleiro parecia-se com o de um inimigo meu. Isto, por sua vez, fez-me lembrar outra história chinesa de Han Fei sobre a arte de matar dragões. Em vez de continuar a percorrer a sala de exposições, saí, descendo a ampla escadaria.

A noite tinha caído em Nihonbashi, e, enquanto caminhava pela rua escura, pensava na expressão «matar dragões». Estas palavras constituíam a inscrição de um tinteiro de pedra que eu possuía. A pedra tinha-me sido dada por um jovem homem de negócios cujos empreendimentos tinham falido desde então, até ele entrar na bancarrota, no fim do ano passado. Olhei para o céu e comecei a pensar no quão pequena era a Terra — e, consequentemente, no quão pequeno eu era —, por entre a luz das inúmeras estrelas. Mas o céu, que estivera tão claro o dia inteiro, ficara, a certa altura, nublado.



P E N G U I N  
L I T T L E B L A C K  
C L A S S I C S

P E N G U I N  C L Á S S I C O S

N.º 8



## Engrenagens em Movimento

Um fantasma que se passeia de gabardina por Tóquio na altura mais fria do ano dá o mote para a viagem ao inferno mais irregressível de todas: a interior.



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

[www.penguinlivros.pt](http://www.penguinlivros.pt)

  penguinlivros

ISBN: 978-989-589-604-2



9 789895 896042